



HOFSTETTER, R., & ÉRHISE (Edit) (2021).
Le Bureau International d'Éducation, matrice de l'internationalisme éducatif (premier 20^e siècle): Pour une charte des aspirations mondiales en matière éducative. P.I.E-Peter Lang S.A. Editions Scientifiques Internationales, 706 p. ISBN: 9782807619197

Estamos perante uma obra extensa (642 pp.), de grande fôlego, de autoria coletiva atribuída à Érhise — *Équipe de Recherche en Histoire Sociale de l'Éducation* —, ainda que a capa destaque o papel assumido pela historiadora da educação Rita Hofstetter, Professora da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra. Como o título indica, são aqui publicados os resultados de uma vasta investigação dedicada à trajetória histórica do *Bureau International d'Éducation (BIE)* durante o período

que vai da sua criação, em 1925, até à assinatura de uma convenção duradoura com a recém-criada Unesco (1952), ainda que preservando a sua autonomia. Fica fora deste estudo o período subsequente, o qual conduzirá à integração do BIE na Unesco em 1969.

Criado inicialmente com o estatuto de associação privada por um conjunto de figuras ligadas ao Instituto J.-J. Rousseau, o BIE é reconfigurado no ano de 1929, transformando-se na primeira instância intergovernamental dedicada à educação, o que coincide com a ascensão de Jean Piaget à respetiva direção. O protagonismo, inicialmente atribuído às individualidades e aos movimentos sociais, passa a ser dado aos delegados dos governos. O contexto de Genebra, verdadeira capital internacional a partir do momento em que se tornou a sede da Sociedade das Nações, surgia como o ideal para a localização de uma instituição pioneira como era o BIE que tinha, entre os seus objetivos, 1) Centralizar a documentação internacional relativa à educação pública e privada; 2) Desenvolver investigações científicas no campo da educação, com um caráter experimental ou estatístico, e promover a sua divulgação; 3) Coordenar o trabalho das instituições educativas e promover os encontros de educadores e as viagens de estudo. No entanto, a concretização de tão ambicioso plano não vai ser fácil nem rápida, não só por via da complexidade do contexto internacional dos anos 30, mas, também, porque o sucesso do BIE fica dependente da adesão e das respostas dos diversos governos.

Os autores apresentam o BIE como “emblema” e “matriz” do “internacionalismo educativo”, uma vez que ele expressa,

nesse terreno, a densificação das interconexões e comunicações transfronteiriças que ocorre nas décadas iniciais do século XX e, designadamente, no período entre guerras. A educação é vista, pelos atores que dão vida ao BIE, como a instância mais capaz de contribuir para a preservação da paz e para a construção de relações internacionais assentes na cooperação, na solidariedade, na justiça social e na cidadania global. Não obstante esses pressupostos, o BIE proclama a “neutralidade absoluta” e a “estrita cientificidade” como elementos centrais da sua atividade. Embora tenha nascido em estreita relação com o Instituto J.-J. Rousseau e com a Educação Nova, sendo esta a sua grande fonte de inspiração, o BIE vai procurar manter as suas distâncias em relação às instituições que a corporizam, como é o caso da *New Education Fellowship (NEF)* / *Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle (LIEN)*. Uma gestão realista das relações com governos com sensibilidades e contextos locais muito diversos não parecia compatível com posições marcadas por algum radicalismo pedagógico.

No excelente texto de abertura da obra — “Introduction Générale. Socio-genèse d'une plateforme éducative internationaliste saisie dans son réseau relationnel” —, subscrita por Rita Hofstetter e Joëlle Droux, em nome da Érhise, apresenta-se o objeto de estudo e a sua história, definem-se os conceitos, identifica-se o vasto e diverso espólio arquivístico utilizado e caracteriza-se a abordagem teórica que sustenta a investigação e que se inspira no “transnational turn”, sendo atribuída uma grande centralidade às redes de relações construídas pelo amplo universo de atores (individuais e coletivos)

ligados, de alguma maneira, à trajetória vital do BIE na tentativa de elaborar uma “cartografia dessa rede relacional”. Não obstante a generosidade das “causas” defendidas pelo BIE, as autoras reivindicam a adoção de uma “postura crítica” e de uma “abordagem relacional” que não tenha a pretensão de servir de eco a qualquer “retórica institucional”, mas que busque, antes, analisar criticamente as “crenças” que a suportam, a “paisagem complexa” em que os atores se movem e as “contradições” em que incorrem. Na conclusão da referida Introdução, merece destaque o seguinte:

C'est en effet progressivement, et non sans difficultés, que l'ensemble de ces acteurs collectifs ont acquis au fil des décennies visibilité et poids sur la scène internationale en tant que représentants de l'opinion publique mondiale, face aux diplomaties d'État. Écrire l'histoire du BIE, c'est aussi faire la chronique de leur lente mais irrésistible accession au statut de *soft power*. (p. 40)

A primeira parte da obra — “Un laboratoire pour l'institutionnalisation de l'internationalisme éducatif” — é dedicada à fixação de uma história do BIE, começando pelas circunstâncias que tornaram possível a sua criação, a partir do Instituto J.-J. Rousseau, como associação privada, muito ligada aos movimentos sociais, na internacionalmente vibrante Genebra dos anos 20 do século XX; prossegue-se com a sua reconversão em “agência intergovernamental” que se procurava assumir como um “laboratório” dedicado à sistematização, produção e difusão pelo mundo dos saberes científicos associados à educação ou como um “centro internacional de investigação” especializado em educação comparada, no tratamento de dados estatísticos internacionais e na

planificação educativa; e conclui-se com a negociação do seu espaço e da sua continuidade no complexo contexto decorrente da criação da agência da ONU dedicada à educação, à ciência e à cultura, a Unesco. De passagem, é analisada uma das mais emblemáticas iniciativas do BIE, a organização, a partir de 1934, das Conferências Internacionais de Instrução Pública, de que se realizaram 13 edições até 1952, sendo ainda referida uma iniciativa desenvolvida durante a 2ª Guerra Mundial, o “Serviço de Ajuda Intelectual aos Prisioneiros de Guerra”.

A segunda parte da obra — “Causes à l’agenda: promouvoir l’accès de tous à l’instruction pour construire la paix” — é dedicada, como o título indica, às “causas” subjacentes à “agenda” do BIE, sendo destacadas as seguintes: o prolongamento da escolaridade obrigatória e o acesso ao ensino secundário; a diferenciação pedagógica associada às “classes especiais” e às “escolas rurais”; o papel da educação de infância; a reforma dos programas e dos manuais escolares; a valorização do esperanto e do bilinguismo; a necessidade de melhoria das qualificações e das condições de trabalho dos professores dos ensinos primário e secundário. Como fonte de inspiração desses debates podemos encontrar os princípios da “democratização do ensino”, da “igualdade de oportunidades”, da “escola para todos” e a defesa de uma “escola pública” que seja promotora da paz no mundo.

A terceira parte — “Acteurs et réseaux: le BIE dans la constellation de l’internationalisme éducatif” — tem como objeto primordial de estudo algo que, na verdade, atravessa toda a obra. Aí são analisadas as relações, umas vezes con-

fluentes, outras dissonantes, entre o BIE e as instituições ligadas à Educação Nova, o mesmo sendo feito relativamente às federações internacionais de professores e às associações internacionais feministas. Em seguida analisam-se as pertenças, afiliações e redes de sociabilidade dos atores (homens e mulheres) que protagonizaram a história do BIE, designadamente a sua ligação a movimentos pacifistas e feministas e à Sociedade dos Amigos (“Quakers”), para além da mais óbvia relação com o Instituto J.-J. Rousseau e com a NEF/LIEN. Idêntico “retrato” é traçado em relação aos decisores políticos intervenientes no processo de “inter-governamentalidade” educativa desencadeado pelo BIE, para terminar com o esboço da “geografia variável” através da qual se expressa a sua presença no mundo.

A última parte do livro que temos vindo a recensear — “Conclusion Générale: Un Bureau précurseur, acteur de son temps” —, subscrita por Rita Hofstetter e Bernard Schneuwly, em nome da Érhise, contém uma sistematização das muitas conclusões parcelares presentes nos capítulos que compõem a obra e um esforço de reflexão mais geral sobre o sentido e o impacto desta iniciativa pioneira e matriz do “internacionalismo educativo” do século XX, sobre a sua ambição (utópica?) de construir a paz no mundo através da difusão da educação e sobre o ideal internacionalista que lhe servia de referência. Merece destaque o seguinte excerto conclusivo que representa uma boa síntese da principal tese defendida ao longo do conjunto do texto:

Fondé pour asseoir la paix par la science de l’éducation, le BIE a pour finalité princeps l’éducation à la paix, désignée aussi sous les vocables d’éducation internationale, à

la compréhension mondiale, à la solidarité entre les peuples. Nous démontrons dans ce volume que l'internationalisme éducatif ne signifie alors pas uniquement l'institutionnalisation d'une tribune internationale et la démultiplication d'alliances transnationales et intergouvernementales, mais il implique aussi la propagation d'un idéal internationaliste. Quel meilleur réceptacle que les mentalités des nouvelles générations, investies d'une mission rédemptrice ? Ceci exige l'appui de tous les éducateurs du globe — enseignants et parents compris — de même que tous les gestionnaires des systèmes éducatifs : l'entreprise mobiliserait chacun sur terre. (p. 549)

Num balanço geral, podemos dizer que se trata de uma obra marcante da pro-

dução recente em História da Educação, elaborada por uma excelente equipa de autores sob a liderança de Rita Hofstetter, possuindo uma sólida fundamentação teórica em que é particularmente notória a presença das recentes perspetivas globais e transnacionais e tendo por base um rigoroso trabalho de análise de uma vasta e diversificada documentação de arquivo. Recomendamos vivamente a sua leitura.

Joaquim PINTASSILGO
IE-ULisboa